

ENTREVISTA COM MARINA COLASANTI

Wendell Guiducci*

RESUMO: Autora seminal da minificção brasileira, Marina Colasanti construiu sua carreira literária atuando muito proximamente ao ofício de jornalista, que desempenhou por anos. Nesta entrevista, ela reflete sobre as relações entre a prática jornalística e o aspecto particular da brevidade na literatura, e também sobre as possíveis relações entre a crônica e a minificção, que ajudou a popularizar no Brasil.

Palavras-chave: Marina Colasanti. Minificção. Crônica. Microrrelato. Miniconto.

P - Quando a senhora começa a compor as peças que fariam parte de Zoológico (1975), e com que intuito?

R - Não sei quando comecei. Mas lembro perfeitamente que não tinha intuito nenhum. Uma ideia apareceu na minha cabeça e eu não sabia o que fazer com ela. Fui procurar Affonso (Romano de Sant'Anna, esposo de Marina) e contei a ideia para ele, que imediatamente me disse, "É um conto! Faça mais!" A ideia era o conto *O Passarinho*: "Começou dizendo que tinha um passarinho na cabeça. Queixava-se. O passarinho batia asas, a cabeça doía. Ninguém lhe deu atenção. Parou até de se queixar. Gemia, conversava com o passarinho que a habitava. Morreu sufocada, o nariz entupido de alpiste."

P - O que a moveu a escrever relatos tão curtos?

R - A casualidade. E o interesse demonstrado pelo então editor da Imago, Pedro Paulo da Sena Madureira, que logo me propôs editar um livro com eles.

P - Sua produção literária está intimamente ligada à brevidade, e sua carreira está fortemente atrelada ao jornalismo, também. Há aí uma relação de mútua influência?

R- Aprendi a valorizar a brevidade quando trabalhava como redatora do Caderno B do Jornal do Brasil. A gente escrevia um texto que achava bem equilibrado, entrava um anúncio e o editor mandava cortar 10 linhas. A gente esperneava, mas cortava. Entrava outro, e o editor mandava cortar mais 15 linhas. Aos poucos fui percebendo que os cortes melhoravam o texto, e optei pela concisão.

P - Há um processo sintetizador da literatura de ficção no Brasil que se torna mais agudo na década de 1960, quando, segundo Antonio Candido, "a ficção recebe na carne mais sensível o impacto do boom jornalístico moderno, do espantoso incremento de revistas e pequenos seminários, da propaganda, da televisão, das vanguardas poéticas que atuam desde o fim dos anos 50" (1987, p.209). O miniconto seria o produto narrativo escrito mais radical desse impacto?

R- Sem dúvida, o miniconto é um produto literário radical. Mas não depende apenas desses impactos, depende da entrada em moda dos haikais, depende da influência da literatura americana com frases mais curtas, pontos em lugar de vírgulas. Depende, como a maioria das mudanças em arte, da junção de muitos fatores.

P - Durante algum tempo pensou-se que a minificção hispano-americana teria se desenvolvido anteriormente à brasileira e que não haveria aqui uma tradição do miniconto, mas estudos

* Jornalista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre e Doutor em Estudos Literários pela mesma instituição. É pesquisador associado ao PPG em Comunicação da UFJF, integrante do Grupo de Pesquisa "Narrativas midiáticas e dialogias", cadastrado no CNPq. Autor dos livros *Curto e osso* (2016) e *Suíte cemitério* (2020), de minificções, e de *Minificção e crônica no Brasil: trânsitos possíveis*, fruto de sua pesquisa de pós-graduação. E-mail: wdelguiducci@gmail.com

recentes mostram que não há uma disparidade cronológica tão grande e as gêneses podem ser consideradas contemporâneas. Seu Zooilógico é prova disso. Na sua formação, você tomou contato com os textos brevíssimos, por exemplo, de Julio Cortázar e Augusto Monterroso (esse, autor do célebre "O dinossauro"¹)?

R - Li muito Cortázar, uma das minhas paixões literárias. Mas só tomei conhecimento de Monterroso depois de ter publicado *Zooilógico*.

P - Você editou muitas das crônicas de Clarice Lispector publicadas no Jornal do Brasil, crônicas às vezes extremamente curtas, como algumas que Drummond também escreveu e depois foram reunidas, em 1981, no livro Contos plausíveis (1994). Reconhecia naqueles textos, pelo menos nos prechos de narrativa, a silhueta do miniconto?

R - Nunca! Clarice estava interessada em buscar o cerne da vida, mesmo nos seus textos mais breves. O que é muito diferente de puxar o tapete debaixo dos pés do leitor.

P - Para além da brevidade, você reconhece similaridades entre o miniconto e a crônica no Brasil?

R - Nenhuma! A crônica é um gênero literário híbrido, que tem um pé estribado no noticiário, e o outro numa escrita supostamente literária. O miniconto é o resultado de uma alquimia: uma palavra a mais pesa, uma palavra a menos impede a compreensão do leitor. O miniconto é feito de equilíbrio, de tensão e de surpresa. É como um elástico estendido. O melhor miniconto é aquele que obriga o leitor a ler uma segunda vez.

P - Em 1969, alguns jovens da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé editaram uma plaquete com os assim denominados "míni-contos". No ano seguinte, um desses jovens, Elias José, publicou A mal-amada (1970), um volume dividido em "míni-contos, contos e maxicontos". Você chegou a saber da existência desse autor?

R - Não.

P - Depois de Contos de amor rasgados (1986), você leva mais de uma década para voltar ao formato miniconto, em A hora de alimentar serpentes (2013). Por que esse hiato?

R - Porque os cursos de escrita literária passaram a trabalhar com minicontos como se fossem mais fáceis do que os contos tradicionais. Houve uma enxurrada de livros de minicontos, porque cada aluno queria publicar o seu. Depois disso enjoei de escrever minicontos. Só voltei a eles quando foi insopitável.

P - Assim como você, que publicou minicontos no Jornal do Brasil na década de 1970 de forma pioneira, na virada do século XXI alguns autores publicaram na Folha de S Paulo: Fernando Bonassi, João Gilberto Noll, Heloisa Seixas, Voltaire de Souza, o que colaborou bastante para o recente reconhecimento do gênero (GUIDUCCI, 2021). O jornal seria um suporte natural para o miniconto, como é para a crônica?

R - Só publiquei minicontos no meu espaço da crônica porque queria testar a reação dos leitores, acostumados com o tamanho longo da crônica.

P - A pesquisadora Violeta Rojo diz que às vezes se sente "absolutamente ofendida e insultada pela maneira superficial e simplória com que qualquer um, sem qualquer pudor, sem mal ter lido um poema na vida, sinta-se escritor porque considera, em seu desconhecimento, que essas

¹ "El dinosaurio / Cuando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí." (MONTERROSO apud LAGMANOVICH, 2006).

coisinhas curtinhas são fáceis de escrever" (2014, p.21). Você acha que existe uma banalização do miniconto hoje? E, se há, a internet teria um papel nesse processo?

R - "Essas coisinhas curtinhas" são as mais difíceis de escrever, excetuando a poesia. Quando à banalização, já respondi na pergunta nº 9. Não sei responder ao final desta pergunta porque só uso a internet para trabalhar. Nunca naveguei nas redes sociais. Mas acho possível que tenha.

P - *Sabemos que formas literárias breves existem desde a Antiguidade e perpassam toda a cultura escrita ao longo dos séculos, com os epigramas, as anedotas, as fábulas, o haikai, o poema em prosa de primeira hora. Não é, portanto, invenção do Twitter. Todavia, nos dias de hoje, em que a pressa e a degradação de nossa capacidade de concentração tornam os textos longos menos atrativos, parece haver um ambiente particularmente amistoso ao texto de pequenas dimensões. É possível reconhecer, nos textos breves de hoje, ecos dos textos breves antigos? Há um intercâmbio de potencialidades de uma e de outra ordem?*

R - Os minicontos exigem mais concentração do que inúmeros textos longos. Quanto à última parte da tua pergunta, o eventual intercâmbio depende de escolha dos textos breves de hoje, e dos textos breves antigos.

INTERVIEW WITH MARINA COLASANTI

ABSTRACT: Seminal author of Brazilian minifiction, Marina Colasanti has built her literary career acting very closely with her experience as a journalist, which she played for years. In this interview, she reflects on the relationship between journalistic practice and the particular aspect of brevity in literature, and also on the possible relationships between chronicle and minifiction, which she helped to become popular in Brazil.

Keywords: Marina Colasanti. Minifiction. Chronicle. Sudden fiction. Flash fiction.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

COLASANTI, Marina. *A morada do ser*. São Paulo: Record, 2004.

_____. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *Hora de alimentar serpentes*. São Paulo: Global, 2013.

_____. *Zoológico*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GUIDUCCI, Wendell. *Minificção e crônica no Brasil: trânsitos possíveis*. Curitiba: CRV, 2021.

LAGMANOVICH, David. *La extrema brevedad: microrrelatos de una y dos líneas*. 2006. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero32/exbreve.html>. Acesso em: 06 maio 2022.

JOSÉ, Elias. *A mal-amada*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.

ROJO, Violeta. La minificción atrapada em la red: la escritura mínima banalizada. *Voz y Escritura. Revista de Estudios Literarios*, Caracas, n. 22, p. 13-26, jan./dez. 2014. Disponível

em:

https://www.academia.edu/9741440/_La_minifici3n_atrapada_en_la_red._La_escritura_m3nima_banalizada_. Acesso em: 6 maio 2022.

Data de submiss3o: 06/05/2022

Data de aceite: 08/08/2022